

Dom Luiz Fernando Lisboa

Vou continuar e o senhor não espere que com essa visita sua eu vá deixar de falar¹

Entrevista conduzida por Éva Sebestyén e Maciel Santos

Cachoeira de Itapemirim, Brasil, Março de 2025

1955 - Valença, Rio de Janeiro

Com a mudança da sua família para Osasco, S. Paulo, ingressou em 1975 no Seminário dos Passionistas e depois no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP). Ordenado em 1983, seguiu em 2001 para diocese de Pemba, a convite do bispo Tomé Makhwe. Entre 2002-2006 trabalhou em vários projetos eclesiais e sociais em Metoro, Cabo Delgado. Em 2013, foi nomeado bispo de Pemba pelo Papa Francisco. Contestado devido à sua ação e denúncias da degradação social da província, em 2021 foi transferido para a diocese de Cachoeira de Itapemirim, Espírito Santo, no Brasil. Em 2024 participou e colaborou na organização do Primeiro Encontro dos Bispos em situação de guerra, realizado em Acra, Gana.

(Éva Sebestyén/Maciel Santos): D. Luiz, o facto de ter convivido em Osasco² com a realidade do movimento sindical da época da formação do PT e de aí se ter desenvolvido uma comunidade eclesial da base, teve influência no seu trabalho pastoral, nomeadamente em Moçambique?

(Dom Luiz): Eu nasci no estado do Rio de Janeiro, mas fui com nove anos para Osasco conhecido como polo industrial. Havia muitas indústrias lá e, consequentemente, uma organização de trabalhadores e sindicatos muito fortes. Pude de facto acompanhar de perto os movimentos sindicais, que trabalhavam

também com a juventude. Cresci vendo isso e também com os missionários passionistas³ numa paróquia passionista. Alguns passionistas acompanhavam muito de perto os movimentos sindicais. Fui de um grupo de jovens, participei das comunidades eclesiais de base. Eu considero que a minha diocese é Osasco porque bebi de toda essa espiritualidade, desse modo de ser Igreja. Depois, quando entrei no seminário e fui estudar no ITESP (Instituto São Paulo de Estudos Superiores) que na época era coordenado por congregações muito fortes (Redentoristas, Verbo Divino, etc.) Os professores que tínhamos eram todos, praticamente, da Teologia da Libertação. Então, toda a minha formação na Faculdade de Teologia foi nessa linha

- 1 Palavras de Dom Luiz dirigidas ao presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, durante a sua visita à Diocese de Pemba.
- 2 Osasco (grande São Paulo) foi durante a fase de crescimento rápido do Brasil (1960-1980) um dos principais polos industriais do Brasil nos setores da metalurgia, química e eletrónica. Em 1968, organizou-se lá uma greve generalizada contra o regime militar. Osasco teve um papel importante na formação do Partido dos Trabalhadores (PT).
- 3 Congregação fundada por Paulo Danei (S. Paulo da Cruz) em 1720 na Itália. Os Missionários Passionistas baseiam o seu trabalho na ideia do seu fundador, de que o sofrimento de Jesus deveria ser o centro da pregação cristã. Os Passionistas estão presentes em vários continentes e trabalham com populações geralmente desfavorecidas. Estão no Brasil desde 1910, especialmente no Sul e Sudeste.

da Teologia da Libertação⁴. Tinha também um interesse muito grande por África. Nós sempre tivemos vizinhos, amigos negros que frequentavam as nossas casas, o que me ajudou a despertar esse interesse. Já quando cursava Filosofia, eu dizia que um dia queria ser missionário na África. Eu achava que era um desafio grande, para o qual eu queria me preparar aos poucos. Alguns colegas me diziam “ah, você é maluco, a congregação nem sequer tem uma missão”. Aos poucos, com os estudos, eu fui me aprofundando, fui participando de encontros internacionais, conheci passionistas de outros países e fiquei sabendo que sim, as províncias italianas, belgas e irlandesas tinham missões em vários países da África. Então, comecei a provocar a minha Província, a minha congregação, para que também nós tivéssemos uma presença. Quando eu era um jovem padre, fiz o curso de missiologia, teologia da missão. Lá conheci um padre dehoniano que fazia um outro curso, e conversando com ele, soube que um bispo dehoniano estava em São Paulo fazendo um tratamento de saúde (D. Tomé Makhweliha, o bispo de Pemba). Fui visitar esse bispo e então começou toda a história. Ele nos amarrou de uma tal forma, porque precisava de missionários, que determinou a nossa ida para a África. Mas Osasco, para mim, foi importante e é importante até hoje.

A chegada a Pemba: “Escuta, vocês não vão dar nada? Não vão dar sapato, não vão dar comida?”

(ÉS/MS): Chegou a Moçambique em 2001 e saiu de lá quase 20 anos depois. Que impacto tinha a Igreja Católica na

sociedade local quando lá chegou e o que se modificou durante o seu período de exercício?

(DL): Quando cheguei, eu encontrei uma Igreja muito sofrida, a Igreja de Pemba. Tivera uma presença muito forte de missionários mas estava enfrentando um momento de diminuição. Em Cabo Delgado, chegou a haver mais de 30 missionários da Boa Nova⁵ (num total de 100 missionários em Moçambique todo). Quando cheguei, esse número já tinha reduzido drasticamente e tudo aquilo que eles tinham estava sendo assumido pelos padres locais, sem as mesmas condições. Isto porque um missionário estrangeiro, quer queiramos, quer não, tem mais condições, porque tem um respaldo, e os padres locais não tinham recursos: sem carro, sem um mínimo, uma côngrua, uma ajuda da diocese que lhes permitissem viver. Os padres passavam dificuldades para atender toda a população e nós sabemos de que tamanho é Cabo Delgado: distâncias imensas, estradas péssimas. Eu via um clero muito aguerrido, mas algumas vezes desmotivado, porque não tinha condições de atender. Devemos recordar aqui que quando foi criada a diocese de Pemba, o seu primeiro bispo foi um português, D. José dos Santos Garcia, o “padre das cebolas”, como ficou conhecido. Ele trouxe muitos recursos de Portugal, e construiu muitos edifícios na diocese de Pemba: um grande seminário, escolas, o Paço Episcopal. Tinha muito apoio, era muito trabalhador e construiu várias missões. Depois, tinha como mantê-las com os padres diocesanos. O povo ficou acostumado com uma Igreja que trazia con-

4 A Teologia da Libertação é uma interpretação católica do Evangelho, que surgiu na América Latina na década de 1960. Desenvolveu-se na sequência do Concílio Vaticano II (1962-1965) e pretende focar a ação da Igreja nas grandes áreas de exclusão social, política e económica.

5 Os Missionários de Boa Nova são uma sociedade missionária católica, fundada em 1930 por iniciativa do Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira em Portugal, com o objetivo específico de evangelizar em África. A missão inicial concentrou-se nas colónias portuguesas (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe). Colaboram na formação de clero local, no serviço pastoral e em obras sociais, educativas e de saúde.

tentores de Portugal ou de outros países com roupa, comida, etc. Quando cheguei, encontramos uma população que esperava isso dos missionários. Fomos a primeira congregação, os passionistas, a chegar depois desse período difícil. Antes, há muitas décadas, tinham estado os capuchinhos, os monfortinos, os dominicanos.

Quando chegámos na missão de Metoro, que fica a 100 km de Pemba, ela ainda era assistida pelos missionários da Boa Nova. Antigamente os missionários da Boa Nova tinham quatro missões ali: Metoro, Chiure, Ocua e Macomia⁶. Em cada uma delas tinha três, quatro missionários. Depois da guerra da libertação, muitos missionários foram expulsos, outros já estavam ficando idosos, e tinha sobrado um grupinho muito pequeno. Estavam ali dois padres atendendo três paróquias imensas. Quando chegámos ficamos a atender Metoro e eles continuavam com as outras duas. O povo ficou nos estudando um pouco e ao fim de alguns meses finalmente perguntaram: “Escuta, vocês não vão dar nada? Não vão dar sapato, não vão dar comida”? Isto porque a gente reunia, dava formação e conversava. Respondemos que não, que tínhamos nada para dar em termos materiais porque não tínhamos e também vínhamos de uma Igreja pobre. Para eles foi difícil. Era uma Igreja pobre, sem recursos, com um bispo moçambicano sem recursos, com padres moçambicanos sem recursos, que faziam o máximo que podiam. Havia padres lá, por exemplo, que atendiam duas, três paróquias, e ficavam lá isolados. Vez por outra vinham à diocese, quando havia encontros, uma outra vez algum não vinha por falta de condições. A população estava acostumada a missões e muitas já tinham

sido fechadas, estavam abandonadas. O povo ressentido, dizia: “Nós tínhamos a presença da Igreja, agora não temos mais”. As irmãs também foram saindo: as da Consolata⁷, as Combonianas⁸, as Salesianas⁹.

(ÉS/MS): Apesar de já não haver condições para essa Igreja paternalista, durante o tempo em que ela lá esteve, criou um novo tipo de redes. Como conseguiu superar as dificuldades?

(DL): O bispo fazia o que podia e a nossa preocupação era: como apoiar os padres? Ao mesmo tempo que tínhamos a comunidade para cuidar, estávamos muito próximos dos padres. Os padres diocesanos que passavam por ali, precisavam de ajudar para comer, para dormir. Procurávamos também acolher e ajudar na medida do possível.

(ÉS /MS): Mas a partir do momento em que o D. Luiz se tornou bispo conseguiu mais recursos. Que alterações houve na sua última década lá?

(DL): Sim, é bom fazer essa passagem. Eu fui missionário lá cerca de nove anos. Foi um tempo assim em que tentamos, através de buscar recursos ou no Brasil ou em outro lugar. O lugar em que estávamos tinha sido projetado, por um bispo anterior, para centro pastoral. Não tinha acontecido, mas tentamos dar-lhe essa linha de ser um centro que acolhe também de outras paróquias. Depois fui enviado ao Brasil para ficar um ano, e acabei ficando quatro. Foi então que, nomeado bispo de Pemba, em primeiro lugar tentei ver quais as forças que eu tinha, quantos padres eu tinha, qual é que era a situação, ou seja, fiz um

6 Macomia é a vila sede do distrito de Macomia, sendo Metoro um posto administrativo do mesmo distrito. Chiure é a vila sede do distrito de Chiure, sendo Ocua um posto administrativo do mesmo distrito. Todas estas povoações se localizam na Província de Cabo Delgado.

7 As Irmãs Missionárias da Consolata são uma congregação religiosa feminina católica, fundada em 1910 na Itália.

8 As Irmãs Missionárias Combonianas são uma congregação religiosa feminina católica, fundada por São Daniel Comboni em 1872, na Itália.

9 As Irmãs Salesianas são religiosas da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, fundada em 1872, na Itália, por São João Bosco e Santa Maria Domingas Mazzarello. Focam-se na educação cristã de crianças, adolescentes e jovens.

raio-x. Eu já conhecia a diocese, conhecia todos os padres e pensei, se nós queremos fazer um trabalho sério aqui, nós temos também de buscar ajuda, porque nós somos a mesma Igreja. A Igreja tem recursos que pertencem também a nós. A gente tem que buscar, porque pertence ao povo. Esse povo de Cabo Delgado, os católicos dali, tinham esse direito também. Comecei em várias frentes, a buscar apoio financeiro mas também a presença de mais missionários, porque havia regiões que estavam há anos sem atendimento. Comecei a buscar congregações religiosas. Fiz uma carta para dezenas de superiores gerais e aqui estou contando um pequeno segredo. Quando fui recebendo as respostas, alguns respondiam que não podiam, não tinham gente, eu deixava de lado. Alguns respondiam: “vamos pensar, podemos conversar”. O que eu fiz? Fui a Roma e visitei vários superiores gerais, esses que tinham me dado uma resposta com alguma esperança. Fui chorar as mágoas e dizer, olha, nós somos Igreja, precisamos da ajuda, vocês são congregações, as congregações são itinerantes, se precisar fechar em algum lugar, feche e abra em outro e tal. Com isso, conseguimos levar para lá oito congregações masculinas. Num primeiro momento, precisávamos de congregações masculinas que pudessem atender, levar a Eucaristia. Busquei também apoio da Arquidiocese de Braga. Quando fui nomeado bispo, fui ordenado no Brasil e antes de tomar posse em Moçambique, passei por Portugal e por Braga porque Braga já tinha enviado dois jovens padres missionários, que eram amigos da Boa Nova, e padres muito valiosos, os padres Jorge e João. Falei com o bispo, e ele disse que esses dois ele não dava porque eles estavam em postos-chave na diocese mas que podia pensar na possibilidade de assumir uma missão lá. Braga assumiu uma paróquia em Pamba¹⁰, mandando padres e leigos, e essa missão está até hoje. Braga a considera

a sua última paróquia. Pedi apoio também na Arquidiocese de São Paulo, que tem 44 dioceses só em um estado. Escrevi para a coordenação estadual entre as dioceses, e disse que tinha trabalhado a maior parte da minha vida em Osasco e que agora lá em Moçambique precisava de ajuda. A Arquidiocese de São Paulo também assumiu uma missão lá. Contactei também algumas congregações religiosas femininas.

Nós sempre tivemos a visão que o recurso não vem para substituir a participação do povo. Qualquer recurso sempre tem que ter contrapartida e as pessoas tinham que colaborar. Nós recebemos um recurso para fazer um centro de saúde, sim. Então o povo vai limpar o lugar, vai buscar bambu para fazer a cerca, quer dizer, eles participando sempre, para sentir que é deles e que eles tiveram a sua participação. Não como coisa caída do céu, e nem no sentido de dar coisas, mas aquilo que veio para a nossa formação de lideranças. E fomos tentando dar uma dinâmica diferente àquela igreja que estava paralisada por falta de pessoal, de missionários e de recursos.

2004, Cabo Delgado: “Falar de cidadania, falar de direitos, mostrar a constituição ao povo, imagina que pecado mortal esse!”

(ÉS/MS): A participação da Igreja na sociedade civil em países como Moçambique inclui assim ocupar-se das políticas de saúde e educação. Nos nove anos do seu exercício, que colaboração teve nas suas ações de trabalho social?

(DL): Eu cheguei lá no início de 2001 e desde então, como missionários, sempre fomos muito críticos (com certo cuidado) daquela situação que o povo vivia. Quando podíamos, criticávamos as autoridades ou certas situações, ou mesmo as eleições fraudadas. As autoridades mandavam, muitas

10 A paróquia de Santa Cecília de Ocua, na localidade Ocua, distrito de Chiúre, pertence a Diocese.

vezes, recados. Antes de eu ser bispo, ainda como padre lá, envolvemo-nos muito na formação. Com a parceria de duas organizações, uma italiana e outra portuguesa, fizemos um curso de formação de uma semana para lideranças da Igreja, O curso era aberto: tinha muçulmanos e alguns evangélicos. Era uma formação de lideranças. Qual era o tema? Cidadania. Isso foi no ano de 2004. Conseguimos recursos, fizemos camisetas e uma bolsa individual para os formandos. Dentro dessa bolsa tinha a Constituição de Moçambique, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e alguma coisa sobre a mulher. Parecia uma coisa impensável naquele tempo mas envolvemos a juventude local. A coordenação do curso era muito grande e numa semana reunimos 300 pessoas. Isso teve repercussão. Nós chegámos até, no último dia, a fazer uma caminhada pelas ruas de Pemba, falando de cidadania, com cartazes e não sei o quê. Levamos para esse curso de formação o Mia Couto¹¹, sem cobrar. Eu disse-lhe: “Mia, nós queremos que você venha mas só podemos pagar passagem. Ele aceitou e levamos também a Alice Mabota¹², que era a maior ativista social de Moçambique e trabalhava com direitos humanos. Levamos também o Emílio Manhique, o principal radialista, muito ouvido no Moçambique inteiro. Levamos o D. Tomé Makhweliha¹³, arcebispo de Nampula e que era da Comissão Justiça e Paz¹⁴. Levamos juízes. Nós fomos muito ousados. E esse curso depois rendeu para o bispo uma espécie de proibição, porque nós já estávamos costurando o segundo. E o segundo tema ia ser saúde. O nosso hospital era uma vergonha. Mas ficamos só no primeiro, porque o primeiro não agradou às autoridades locais.

(ÉS/MS): Essa vossa iniciativa teve alguma continuação com os clubes de paz, que se iniciaram a partir de Nampula?

(DL): Não como clubes de paz mas teve uma continuação porque esses jovens não pararam mais. Os jovens que participaram, que aprenderam sobre cidadania e vieram de todos os lados da diocese, estavam pedindo mais. Explicamos que não íamos poder fazer o segundo curso mas que podíamos dar formações nas bases, nas regiões e nas paróquias. Foi o que fizemos, continuando a formação em níveis menores, que não provocavam tanto barulho. Mas continuamos na cidadania, na participação popular, nos direitos, enfim, falando sobre a realidade, ajudando o povo a ler a realidade, iluminados pela palavra de Deus, sempre trazendo o ensinamentos da Igreja, a doutrina social da Igreja, etc. Isso despertou muitas lideranças na diocese. Algumas estão até hoje à frente de comissões diocesanas. Demos a esse curso o nome de Tambor. Alguns dizem: “até hoje lembro. Ah, que pena o Tambor, só tivemos um. Foi o Tambor que me despertou”. Infelizmente o Tambor, foi abortado porque as autoridades não podiam aceitar aquilo. Falar de cidadania, falar de direitos, mostrar a constituição ao povo, imagina que pecado mortal esse.

O conflito jihadista: “Desde o início que o governo queria encobrir”

(ÉS/MS): As organizações muçulmanas continuaram também o vosso trabalho?

-
- 11 Mia Couto (António Emílio Leite Couto, 1955) é um importante escritor (obra traduzida em mais de 30 línguas). Nascido em Moçambique tem também atuado em temáticas sociais e ambientais.
 - 12 Alice Mabota (1949-2023) foi uma influente defensora de direitos humanos. Em 2019 foi candidata de oposição à presidência de Moçambique.
 - 13 D. Tomé Makhweliha (1955), o bispo que convenceu D. Luiz a ser missionário em Moçambique, foi bispo de Pemba entre 1997 e 2000, passando depois para arcebispo de Nampula.
 - 14 A Comissão Episcopal de Justiça e Paz é um organismo da Conferência Episcopal de Moçambique (CEM), criado em 1976. Inspirada pelo Concílio Vaticano II e pela encíclica *Gaudium et Spes*, sua missão é promover a Doutrina Social da Igreja.

(DL): Tivemos sempre um bom relacionamento com os muçulmanos. Quando realizamos o curso, fizemos questão de chamar um jovem que conhecíamos, muçulmano, para participar da coordenação. Aconteceu um fato interessante. Fizemos o curso de sete dias mas só para trezentas pessoas, que era o número que cabia no auditório da Universidade Católica (o antigo seminário lá de Pemba). Se coubessem quinhentos, teríamos feito para quinhentos. Muita gente de Pemba, outras lideranças que não cabiam no auditório queriam participar. Então, fizemos uma noite aberta. Dividimos os nossos convidados da seguinte maneira, dois deles iam na paróquia Maria Auxiliadora, que era a maior Igreja ali de Pemba, para falar da cidadania para o povo. Outros dois na principal mesquita de Pemba, para falar também sobre cidadania. Na mesquita nós não podíamos entrar, mas preparamos lá o quintal cheio de esteiras e nós ficamos ali. Eu fui para a mesquita com o Mia Couto e o Emílio Manhique, o jornalista¹⁵. Na Igreja ficaram a Alice Mabota e o D. Tomé Makhweliha, o arcebispo. Na mesquita, nos receberam muito bem: o imã fez uma introdução, nos acolhendo, falando da importância do acontecimento que era inédito em Cabo Delgado. Como coordenador tomei a palavra, para depois a passar ao Mia Couto e ao Emílio Manhique. Dois minutos depois, entrou um grupo, vestido de branco até aos pés, de jovens muçulmanos radicais. Tinham voltado de formações que fizeram fora e eram entre quinze e vinte. Começaram a gritar palavras de ordem durante uns três minutos. Todo mundo ficou atônito, assustado, e sentaram. Aí eu retomei a palavra, como se não tivesse me assustado. Eles levantaram-se e um deles disse: “Nós viemos aqui para discutir Bíblia, queremos discutir Bíblia com vocês, e queremos ensinar algumas coisas que vocês não sabem”. O Mia Couto levantou-se e disse: “Padre, não fala nada

agora, deixa comigo”. O Emílio Manhique disse: “Acho que houve um engano aqui, nós vamos encerrar essa assembleia e voltar para as nossas casas. Para quem está no curso, amanhã continuamos”. Vimos que não haveria condição, que eles não iam deixar a coisa continuar e que os responsáveis pela mesquita estavam assustados. Esses jovens estavam vindo radicalizados de fora e criticavam o islã local. Depois esses jovens foram cooptados para a guerra.

(ÉS/MS): Como se fez a transição da atividade política para o jihadismo?

(DL): Em um primeiro momento, alguns grupos radicalizados, como esse que eu citei agora há pouco, no Norte (em Palma, em Mocímboa da Praia) começaram a agredir cristãos. Desafiavam-nos na rua, às vezes em alguns lugares abertos, troçavam. Chegámos até a denunciar às autoridades, apesar do ótimo relacionamento que tínhamos com os muçulmanos. As autoridades, de certa forma, ironizaram isso e desvalorizavam: “isso é uma coisa entre religiões, não é nada”. Mas era um início. Quando houve a primeira chacina, o primeiro ataque, que foi justamente numa unidade da polícia em Mocímboa da Praia, desde o início, vimos que ia ser uma guerra. Ela foi aumentando: começaram ataques em aldeias bem longínquas, distantes das vias de acesso, e matavam cinco, dez, quinze pessoas. Começaram a decapitar pessoas. Depois, num segundo momento, chegaram a atacar aldeias mais próximas das estradas e depois a atacar aldeias maiores. O governo ainda dizia que era uma guerra religiosa. Nós contrapunhamos que os ataques eram sérios. O contingente militar foi aumentado mas aí eles mudaram o método, atacando aldeias maiores e depois as vilas. Desde o início que o governo queria encobrir e não permitia que os jornalistas se aproximassem. Não queria que tirassem fotografias. Nós, por outro lado, conseguia-

15 Emílio Manhique (1960-2015), jornalista da Rádio Moçambique. Em 1992, a partir de Roma, fez a cobertura radiofónica da cerimónia de assinatura do Acordo Geral de Paz entre a RENAMO e a FRELIMO.

mos essas fotos e revelávamos através dos nossos agentes aquilo que tinha acontecido. O governo, desde o início, ficou muito bravo conosco, com a Igreja, porque nós começamos a revelar uma guerra, que eles negavam. A Igreja, durante muito tempo foi a única a denunciar a guerra. Os poucos jornalistas que conseguiam chegar próximo, eram depois expulsos. Houve até um jornalista que desapareceu e até hoje não se sabe o paradeiro.

A gênese do conflito: “Existia um sonho em Cabo Delgado - o de ser polícia e trabalhar para a Ruby Mining, porque ali a polícia ganhava muito dinheiro”

(ÉS/MS): As suas recordações contribuem certamente para explicar a gênese do conflito militar em Cabo Delgado. Mas antes dele já havia conflitos à volta das ações das companhias multinacionais. Gostaríamos que nos explicasse agora como é que a Igreja de Cabo Delgado foi tomando consciência e intervindo nesses conflitos.

(DL): Desde o início que tivemos essa consciência porque fomos acompanhando as descobertas de riquezas. Essas riquezas que foram depois controladas pelas autoridades locais, que compraram as concessões e foram expulsando a população. Essas autoridades locais são sócias de empresas que exploram recursos naturais. Fomos percebendo isso porque víamos a maneira como a Frelimo estava governando. Sempre contestamos porque as eleições eram fraudulentas e porque o objetivo primeiro era financeiro, eram os recursos naturais. Cabo Delgado, além do gás, do qual é a maior reserva da África, tem rubis de primeiríssima qualidade, que geram bilhões em leilões internacionais. Montepuez tem areias pesadas¹⁶

e só em Cabo Delgado há duas empresas multinacionais de grafite. Também há ouro. Todas essas terras foram adquiridas por autoridades moçambicanas que depois facilitaram a entrada das empresas multinacionais. Tivemos essa consciência porque também já acompanhávamos algumas organizações de Moçambique, sobretudo sediadas lá em Maputo, que tratavam dessas questões mas eram vozes não muito ouvidas. Como bispo, estive também ligado à Comissão de Justiça e Paz. Ia acompanhando mais esses relatórios e fomos percebendo que o que estava acontecendo em Cabo Delgado era uma guerra, visando os recursos naturais, praticando a limpeza da população dos lugares para que essas companhias pudessem atuar de forma mais livre, a seu belo prazer.

(ÉS /MS): Como resolveu a dificuldade da Igreja falar dessa guerra social, que implicava deteriorar ainda mais as relações com o governo?

(DL): É importante lembrar, que Cabo Delgado, junto com Niassa, são as duas províncias do extremo norte e as mais esquecidas. Sempre foram, de Moçambique, bolsões de pobreza, de analfabetismo, de falta de oportunidades para a juventude. Tudo isso a gente já falava antes da guerra. Por que não chega a escola? Porque as pessoas não têm acesso ao escoamento dos seus produtos, por exemplo? Porque existe pobreza escandalosa? Ali a pobreza era de facto escandalosa, era fome, era falta absoluta de recursos. Era fácil de perceber isso, na época da fome. Tanto é que, no início, fazíamos cursos para apenas um ou dois dias mas passamos para quatro ou cinco dias para que essa liderança pudesse se alimentar e tivesse condições de refletir. Quando a guerra veio, isso só foi aumentando, porque as populações foram se deslocando.

¹⁶ “Areias pesadas” são materiais passíveis de extração de minerais com vários usos industriais, como o ilmenita, rútilo e zircão.

(ÉS/MS): A empresa da mina de rubis de Montepuez (Montepuez Ruby Mining)¹⁷ representa um caso extremo e bem documentado de agressão sobre as populações por parte de interesses ao mesmo tempo estrangeiros e moçambicanos (a companhia tem um sócio local ligado ao governo). Esse conflito, de alguma forma, alterou a posição da Igreja?

(DL): Esse conflito ajudou a Igreja a perceber que ela tinha que deixar muito claro qual era o seu lado. E o lado da Igreja é o lado da população, porque naquela região dos rubis houve muita violência contra a população, expulsão, tortura e até mortes de garimpeiros, de mineiros dali. A Igreja, quando percebeu isso, não aceitou as propostas da Ruby Mining, que tentou aproximar-se oferecendo não só recursos, mas também possibilidade de trabalharmos ali próximo com os trabalhadores, etc. Tentaram, de certa forma, nos subornar. Uma firma britânica de advogados¹⁸ que acompanha as empresas inglesas no que tange à questão dos direitos humanos foi para Cabo Delgado, e um dos aliados que esse escritório teve foi a Igreja. A Igreja direcionou-os nas entrevistas: “converse com essa pessoa, com aquela, com aquela irmã, com aquele padre”. A Igreja pode fazê-lo porque está lá no meio do povo. A Ruby Mining teve que pagar um valor altíssimo para as pessoas que foram torturadas e que foram prejudicadas naquela confusão toda que houve lá. Então, a Igreja foi sempre essa voz destoante, que procurou ir ao encontro da verdade. Por outro lado, se a Igreja fosse muito aguda na sua fala, as populações é que sofririam. Esse jogo é sempre muito difícil.

(ÉS/MS): A Montepuez Ruby Mining não alterou muito a sua política depois do julgamento de 2018. A sociedade civil, incluindo a Igreja, deixou de acompanhar os conflitos gerados pela empresa?

(DL): As leis permitem a exploração dessas empresas, mas a população tem que ter contraparte e deve ser consultada, mas as consultas não são feitas. Eles, na verdade, cooptam algumas pessoas, algumas lideranças, oferecem dinheiro, oferecem bens para pessoas que não têm nada e que quando vem uma oportunidade, acabam traindo o seu próprio povo. Houve uma época em que existia um sonho em Cabo Delgado - o de ser polícia e trabalhar para a Ruby Mining, porque ali a polícia ganhava muito dinheiro. A Ruby Mining subornava a polícia, subornava autoridades. A população sabe quem é a Gemfields, tem medo dela, porque a Gemfields tem todo o poder e, por outro lado, muita gente da população acaba sendo cooptada, porque não tem nada, não tem recurso nenhum. Esse é um conhecimento proverbial em Moçambique. Um ex-presidente de Moçambique dizia que “o cabrito come onde está amarrado”.

Conflitos, governo e a Igreja: “Porque ele não vai para o país dele? Por que ele não vai se intrometer na terra dele?”

(ÉS/MS): Quando esse conflito, que era local, passou a ter visibilidade internacional, que eco teve a Igreja, que conhecia as suas razões profundas, no poder político, na oposição e nos media?

17 A Montepuez Ruby Mining (MRM) é a empresa que detem a concessão da jazida de rubis em Montepuez. A MRM pertence à Gemfields Group Ltd. (para mais detalhes, ver o artigo publicado neste número, pp. 91-127). *Capital Contradictions and Social Change in Cabo Delgado: the “Montepuez Ruby Mining Experience”* - página X-Y).

18 A firma de advocacia britânica que representou as vítimas no processo contra a Montepuez Ruby Mining em 2018 foi a Leigh Day. Para mais detalhes, ver o artigo publicado neste sobre este processo, ver o artigo citado na nota anterior, pp. 116-117. *Capital Contradictions and Social Change in Cabo Delgado: the “Montepuez Ruby Mining Experience”* - página X-Y).

(DL): Começou a ter eco por causa da insistência da Igreja em denunciar. E tornou-se ainda mais visível, quando o Papa Francisco começou a rezar por Cabo Delgado. Depois, num certo momento, ele telefonou para mim. Isso teve repercussão porque chamei a imprensa para dizer que o Papa me tinha ligado, preocupado com a guerra e sendo solidário com as vítimas, etc. Nessa altura o governo foi ficando muito preocupado porque a guerra tinha agora visibilidade internacional. Cabo Delgado começou a ser visto como o patinho feio de Moçambique, como um lugar incômodo. Falar de Cabo Delgado era ter problemas. O governo teve de começar a mandar tropas, de recrutar militares. Como os militares não queriam ir para lá, começaram a recrutar meninos, garotos, adolescentes para ir para lá e isso acabou tornando-se um problema para o governo. Quando se agudizou, a imprensa governista começou a me atacar, porque eu mostrava a ferida. Outra imprensa, que era mais independente ou de oposição, começou a me defender. Então, começaram a colocar o bispo de Pemba contra o presidente da república. Chegou até um momento em que o presidente, conversando com o nuncio apostólico, acabou indo me fazer uma visita “para a gente fumar o cachimbo da paz”. A paz não durou nem uma semana. Nós continuamos a falar, e eu disse-lhe: “vou continuar e o senhor não espere que com essa visita sua eu vá deixar de falar”. Depois ele disse à imprensa que respeitava muito o trabalho do bispo, etc. Mas o governo através dos seus meios de comunicação continuou a “atacar-me” porque não queria que se falasse sobre a guerra. “Porque ele não vai para o país dele? Por que ele não vai se intrometer na terra dele?”. Eu tinha apoio dos bispos, que nunca me faltou. Podia ser que um ou outro não concordasse com alguma coisa, com a minha maneira de falar, de ser, etc. mas a conferência episcopal sempre me apoiou porque via o que estava acontecendo com o povo. Alguns bispos chegaram mesmo a visitar-me em Cabo Delgado. Os da região norte tinham comi-

go reuniões frequentes. O bispo da Beira foi passar uma semana comigo lá em Cabo Delgado, como forma de apoio. Quando houve o ataque mais forte à minha pessoa, o nuncio apostólico, o D. Bertoldi, saiu sexta-feira de Maputo e foi para Pemba, viajando no domingo de volta para Maputo. Nesse fim de semana tínhamos uma ordenação de dois diáconos. D. Bertoldi, tomou a palavra, presidiu à missa, e na homilia disse: “Eu vim aqui às pressas para dizer que o Papa Francisco, que a Igreja está com a diocese de Pemba, que está com o bispo local”. Essa atitude do nuncio foi muito importante naquele momento. Percebi que, de facto, o Papa estava acompanhando de longe. Mas os conflitos continuaram.

(ÉS/MS): A sua figura polarizou a contradição do governo: querer esconder a guerra para esconder as causas da guerra. Mas quando o conflito consigo começou a afetar a relação institucional da Igreja com o Estado, a sua saída foi julgada conveniente. Como a interpretou: uma medida para o proteger ou uma medida para salvaguardar a posição global da Igreja em Moçambique?

(DL): Olhando agora com mais tranquilidade, consigo fazer uma leitura mais ampliada. Foi sim, para me proteger, mas também foi para deixar de causar incômodo para o governo. Os governantes também têm suas amizades, seus amigos, e talvez alguns tenham atuado nesse sentido. Mas eu entendi, por parte do Papa Francisco, e eu acho que é isso que me tranquiliza, que ele quis me preservar. Ele me disse assim, que havia ameaça, possibilidade concreta deles me matarem. Isso dito pelo Papa. Mas eles não fariam isso porque eles me transformariam em mártir, não iam querer isso. Mas podiam me matar de outras formas, de outras maneiras e o Papa podia ter alguma informação que eu não tinha. Não sei o que estavam armando porque eles já tinham inventado tantas mentiras a meu respeito! Inventaram, por exemplo, que

numa festa de Corpus Christi, eu saí gritando na rua, “Abaixo o presidente”, coisas inventadas desse tipo: que eu era amigo ou parceiro dos terroristas, etc. O Papa, penso que quis me preservar.

(ÉS/MS): Existe um paralelo entre as suas denúncias e as de antes da independência de Moçambique, quando parte da Igreja deu visibilidade aos massacres do exército colonial, em Wiryamu, etc. e os padres tiveram o mesmo tipo de pressão que o senhor teve agora (“amigos dos terroristas, etc.) Mas a nossa pergunta é o que faz a Igreja depois da sua saída e como perspectiva o futuro de Pemba e Cabo Delgado.

(DL): Em primeiro lugar, queria falar sobre o trabalho do Dom Antônio Juliasse que foi o bispo que me sucedeu. Foi a pessoa certa escolhida. É um moçambicano da zona centro do país, mas que pôde conhecer muito bem a realidade de Cabo Delgado e está fazendo um excelente trabalho, dando continuidade àquilo que a Igreja sempre fez em Cabo Delgado. Não houve um corte, houve uma linha, um segmento. Há um trabalho muito grande desenvolvido pela Caritas¹⁹, que passou a trabalhar com organizações internacionais para atender à população deslocada, que chegou a um milhão de pessoas. Além do deslocamento, de estarem fora das suas aldeias, das suas casas, de terem deixado para trás os cemitérios dos antepassados, etc., ainda sofreram há poucos meses com o ciclone. O bispo está enfrentando toda essa situação, além da falta de gente, de missionários, enfrentando a falta de recursos, porque depois eclodiram outras guerras. Os recursos voltaram a diminuir drasticamente para Cabo Delgado.

Vejo que a Igreja continua tendo um papel de voz ativa, de continuar falando, o que prova que a Igreja sempre teve razão nesses

conflitos. Tivemos agora as eleições em Moçambique e todos vimos o que foi e o que está sendo. As pessoas continuam a ser mortas, a violência continua, porque o povo não é ouvido naquilo que ele quer. Ele queria um outro tipo de governo, mas não teve e está pagando por isso, com o assassinato de seus jovens. Nestas últimas eleições, os bispos de Moçambique tiveram um papel muito relevante, porque não deixaram de chamar a atenção da sociedade e das autoridades. Eu penso que a Igreja de Moçambique, que sempre contribuiu para aquele país, continua tendo um papel muito importante, de continuar dando esperança. O povo espera o dia de uma participação efetiva, de poder colocar os dirigentes que eles querem nos lugares devidos. Infelizmente é um regime muito fechado, muito fechado.

(ÉS/MS): Independentemente das qualidades do novo Bispo de Pemba, acha que ele tem condições para dar total continuidade ao trabalho de denúncia dos desequilíbrios sociais e políticos?

(DL): Ele tem condições apenas se tiver o respaldo da Conferência Episcopal²⁰ porque é um moçambicano. Nós, como estrangeiros, somos um pouco mais livres para falar e temos outros respaldos mas para ele, como moçambicano, custa muito mais. Está muito menos à vontade do que eu para falar: se invadiram as redes sociais da minha família, imagina para alguém que é moçambicano. Não pode ser uma voz só a falar, mas a Conferência. Neste momento temos à frente da Conferência o arcebispo de Nampula, Dom Inácio Saúre que há poucos dias teve uma intervenção forte sobre os acontecimentos. Tive contato com o presidente da Conferência e coloquei-me à disposição para ajudar no que precisa, mas é claro que ele faz o caminho dele e tem uma excelente formação.

19 A *Caritas Internacionalis* foi fundada oficialmente em 1951, com sede no Vaticano. É uma organização humanitária e social da Igreja Católica, presente em mais de 160 países.

20 A Conferência Episcopal de Moçambique é o organismo que reúne os bispos das dioceses e arquidioceses do país. Criada em 1967, sua missão é coordenar as ações da Igreja Católica.